

GOLPES E SIMULAÇÕES

- Bom dia, doutor!
- Bom dia. Sente-se e por favor aguarde um pouco.

São oito horas da manhã e o doutor Paulo está ao telefone, enquanto o rapaz que entrou em sua sala o aguarda.

- Infelizmente minha agenda está lotada. Estou olhando aqui em minhas anotações para ver se encontro um lugar para mais essa consulta, mas infelizmente não poderei atendê-la dentro de um mês. Ontem eu tive que dizer não a umas dez pessoas que, como a senhora, buscavam os meus serviços. Agora preciso desligar porque tenho um paciente à minha frente e devo atendê-lo agora!

Doutor Paulo coloca o telefone no gancho e com um sorriso gentil dirige-se ao paciente:

- Desculpe-me por fazê-lo esperar. Minha secretária encontra-se adoentada e estou necessitando de atender a todos os inúmeros telefonemas... Mas, por favor, qual é o seu problema?
- Nenhum. Sou técnico da companhia telefônica e estou aqui para instalar a sua linha telefônica.

Uma piada que sobre a construção das aparências e as possibilidades de descontrolo das falsas imagens. Uma anedota sobre um tema caro nos nossos dias: a simulação.

De acordo com o jornal O Estado de São Paulo, de 28 de abril de 2002, casas noturnas de São Paulo têm deixado "clientes do lado de fora para parecer que estão cheias". Segundo a notícia, "o objetivo é claro: atrair o cliente que ao ver a aglomeração acredita, ingenuamente, que se trata do lugar mais animado da cidade".

Como é possível constatar, as filas, na circunstância anteriormente indicada, produzem um efeito propaganda para a casa noturna, uma espécie de prova irrefutável da preferência do público: basta ver o tamanho da fila!

Aos poucos a simulação vai adquirindo lugar dentro das possibilidades de estratégias que visam fazer crer. E o mundo da violência é pródigo na arte da simulação: são

mulheres grávidas de cocaína, são doutores com diplomas falsos, falsas aposentadorias, projetos governamentais virtuais, escolas sem mínimas condições de ensino, são crianças armadas nas escolas, cargas "fiscalizadas" a transportarem cargas contrabandeadas, homens escudados pela lei agindo fora da lei. Tudo deve passar como se fosse legal, este parece ser o lema.

Nesse mundo em que tudo deve parecer ser, o verossímil adquire, muitas vezes o status de realidade. É assim que, em São Paulo, um homem recebe um telefonema de uma pessoa que se identifica como sequestrador de sua mulher. Como na maioria dos casos (em geral, para que haja verossimilhança é necessário que haja correspondência entre a situação inventada e as ocorrências admissíveis na realidade), depois de se identificar, o sequestrador pediu o resgate e ameaçou a refém de morte caso o marido levasse o caso à polícia. O marido atendeu à solicitação do sequestrador e a mulher foi liberada depois de passar um fim de semana desaparecida.

Com as investigações policiais ficou-se sabendo que o sequestrador, na verdade, era o amante da "sequestrada" e que ambos passaram um fim de semana tranquilos, com dinheiro e garantia de que o marido não daria queixa à polícia. O programa Cidade Alerta mostrou os dois sendo presos em São Paulo.

Como se pode ver, a simulação deixa de ser um faz-de-conta para fabricar a realidade. Já conhecemos histórias de revólveres de mentira em assaltos de verdade. Conhecemos também, os golpes abstratos, sem autores que são pagos pelos contribuintes.

Aos poucos, os lugares da ordem vão adquirindo alguns "toques" da desordem, da falsidade, por exemplo, como as filas enganosas que dão indícios de sucesso, de boa classificação. Uma estratégia que dispõe do sujeito sem seu consentimento e inventa a fila propaganda.